

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NÓTULA SOBRE DUAS LUCERNAS "BILYCHNIS" ACHADAS EM ALJUSTREL.

VIANA, Abel, et al.

Ano: 1957 | Número: 67

Como citar este documento:

VIANA, Abel, et al., Nótula sobre duas lucernas "bilychnis" achadas em Aljustrel.
Revista de Guimarães, 67 (3-4) Jul.-Dez. 1957, p. 517-520.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Nótula sobre duas lucernas « bilychnis » achadas em Aljustrel

Por ABEL VIANA,
OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA e
RUY FREIRE DE ANDRADE

No decorrer das investigações arqueológicas que desde 1954 vimos realizando em Aljustrel, principalmente na necrópole céltico-romana de Valdoca, foram identificados, junto dos antigos escoriais e no local onde a extinta Companhia de Mineração Transtagana construiu um forno que pretendeu utilizar na queima de pirites, uns restos de paredes cuja atribuição à época romana se tornava por completo evidente. O sítio, facilmente notado pela presença do referido forno, é conhecido pelo nome de Chaminé da Transtagana. A princípio, havia-se apenas verificado que, ao fazerem ali uma plantação de eucaliptos, surgiam, na terra extraída das covas abertas para o efeito, muitos fragmentos de cerâmica vulgar e também de *terra sigillata*. Examinando mais atentamente a superfície do terreno, notamos que, à semelhança do que acontece noutros locais mais ou menos próximos da Chaminé, aqueles restos de paredes pareciam ter feito parte de um conjunto de edifícios. Por tal motivo, deliberamos empreender ali escavações amplas e sistemáticas.

Até o momento em que redigimos a presente nota, temos à vista muitos e curiosos elementos dos tais edifícios, o que constituirá objecto dum estudo, que em ocasião oportuna será dado a público. Para já, limitamo-nos simplesmente a dar conhecimento de dois interessantes exemplares de lucernas « bilychnis », que reproduzimos nas Est. I e II.

O ponto de onde foram exumadas nada tem de especial, a não ser estar situado na parte mais pro-

funda da escavação, ou seja, em contacto com a rocha da base sobre a qual se elevaram as construções. Esse ponto fica a cerca de 1,50 m. de profundidade, a contar da superfície actual de terreno. Um dos exemplares, o primeiro encontrado, é apenas um fragmento que abrange uma porção da parte central do *discus*, compreendendo a asa de suspensão, completa, e parte do bico (Est. II). É igual ao exemplar a seguir descrito, apenas com a diferença de que, neste fragmento, a *margo* é lisa e a asa de suspensão apresenta um sulco longitudinal.

A segunda lucerna encontrada (Est. I) está quase completa, faltando-lhe apenas a ponta de um dos bicos, mas vendo-se ainda, no entanto, metade do orifício destinado à mecha.

A lucerna mais completa é de configuração simétrica, com asa de suspensão a meio do *discus*, o eixo longitudinal no alinhamento dos bicos, e buraco de suspensão transversal; o *discus* é côncavo, circular, com moldura; tem dois orifícios circulares para o óleo, um de cada lado da asa de suspensão, e não alinhados; o único *mixus* que resta é circular e bem centrado no bico; cada um dos gargalos é ornamentado com uma cabeça vista de frente, representando talvez alguma divindade dos cultos orientais introduzidos no mundo romano (Isis? Mitra?). Os bicos são circundados por uma moldura em forma de coração; a *margo* é ornamentada por uma série de arquetes em baixo relevo, e no eixo transversal por duas pequenas saliências, uma de cada lado; o *infundibulum* é plano, com base circular saliente; o depósito do óleo não tem parede divisória.

As duas lucernas são fabricadas de barro branco, muito fino. A mais completa está revestida quase inteiramente por uma massa de terra negra e gordurosa; a outra, pelo contrário, apenas apresenta vestígios da terra vulgar que a envolvia.

Medidas da lucerna mais completa:

Comprimento total.	143 mm.
Altura total (incluindo a asa)	70 mm.
Altura da asa	52 mm.
Diâmetro do tampo	75 mm.

Diâmetro do <i>discus</i>	50 mm.
Comprimento de um dos bicos	40 mm.
Diâmetro do orifício da mecha	11 mm.
Diâmetro de um dos orifícios do óleo	6 mm.
Diâmetro do orifício da asa	9 mm.
Diâmetro do fundo	37 mm.
Largura da asa na base	12 mm.
Comprimento da asa na base	22 mm.

As duas lucernas agora encontradas em Aljustrel vêm demonstrar que, até mesmo aos territórios afastados de um centro cultural romano, chegavam os artefactos mais variados e mais raros. Qualquer das duas lucernas é constituída por um barro fino, como dissemos, e bem peneirado. O seu fabrico é esmerado, assim como a ornamentação vistosa e bem equilibrada. Estes pormenores ajudam-nos a sustentar a hipótese de tais lucernas não serem produto de oficina indígena. A figura, que parece representar uma cabeça de divindade oriental, como supomos, é bem esculpida, com segurança técnica.

Na bibliografia arqueológica hispânica nada encontramos referente a lucernas semelhantes. No British Museum existe um exemplar «bilychnis», com asa de suspensão a meio, como as de Aljustrel, mas cuja forma e aspecto são muito mais rudes, não tendo além disso qualquer ornamentação. Uma lucerna de Fontalva, embora também «bilychnis» e com asa de suspensão igualmente a meio, é muito diferente destas duas, e de uma época muito mais tardia. Pela sua forma, ornamentação, perfil, etc., estas lucernas de Aljustrel devem pertencer à época da necrópole de Valdoca que, segundo os nossos estudos em vias de publicação, situamos entre o final do séc. I a. C. e o séc. II A. D.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVAREZ-OSSÓRIO, F. — «Lucernas o lâmparas antiguas, de barro cocido, del Museo Arqueológico Nacional», *Archivo Esp. de Arq.* n.º 49, Madrid, 1942.

BAIRRÃO OLEIRO, J. M. — *Catálogo de lucernas romanas*, Coimbra, 1952.

FERREIRA DE ALMEIDA, J. A. — *Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal*, Lisboa, 1952.

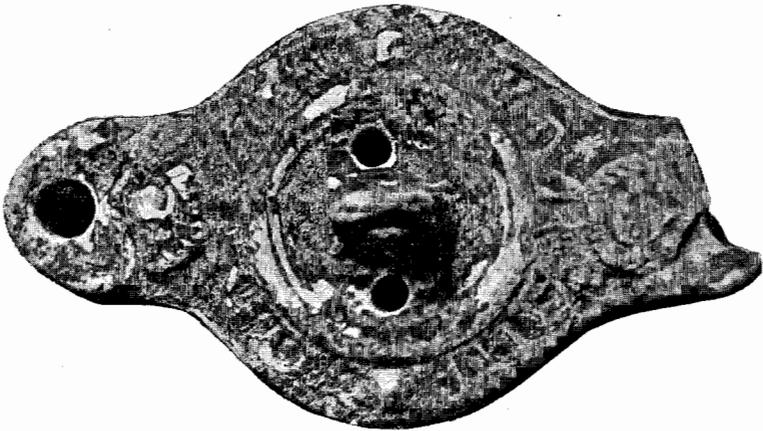
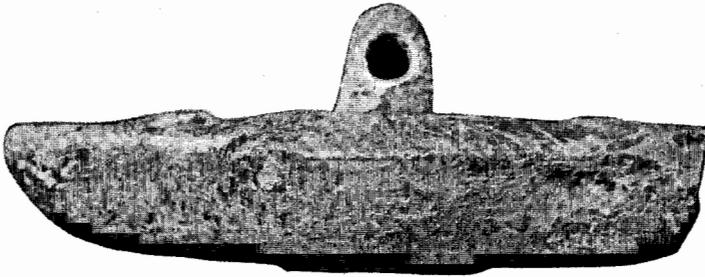
GIL FARRÉS, O. — «Lucernas romanas decoradas del Museo Emeritense», *Ampúrias*, vol. IX-X, Barcelona, 1947-48.

PALOL, PEDRO DE — «La colección de lucernas de cerámica procedentes de Ampúrias en el Museo Arqueológico Provincial de Gerona», *Mem. de los Museos Arq. Prov.* vol. IX-X, Madrid, 1948-49.

PELAYO, QUINTERO — «Colección de lucernas — Museo Arqueológico de Tetuan (Marruecos)». *Mem. de los Museos Arq. Prov.* vol. VI, Madrid, 1946.

RICH, ANTHONY — *Dictionnaire des antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1861.

Est. I



A lucerna mais completa, vista de perfil e pela parte superior.